

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS DE **SOCIOLOGIA**

3

1^a
SÉRIE



Ensino Médio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO



/SeeducRJ



/seeducrj



/seeducio



Governo do Estado do Rio de Janeiro

Secretaria de Estado de Educação

Comte Bittencourt

Secretário de Estado de Educação

Andrea Marinho de Souza Franco

Subsecretária de Gestão de Ensino

Elizângela Lima

Superintendente Pedagógica

Maria Claudia Chantre

Coordenadoria de Áreas do Conhecimento

Assistentes

Cátia Batista Raimundo

Carla Lopes

Roberto Farias

Texto e conteúdo

Oswaldo Maffei

CAIC Euclides da Cunha

Paula Antunes

CE Embaixador Dias Carneiro

Cleber Gonçalves Pacheco

IERP- Instituto de educação Rangel Pestana. Metropolitana I

Capa

Luciano Cunha

Revisão de texto

Prof^a Andreia Cristina Jacurú Belletti

Prof^a Andreza Amorim de Oliveira Pacheco.

Prof^a Cristiane Ramos da Costa

Prof^a Deolinda da Paz Gadelha

Prof^a Elizabete Costa Malheiros

Prof^a Karla Menezes Lopes Niels

Prof^a Kassia Fernandes da Cunha

Prof Marcos Giacometti

Prof Mário Matias de Andrade Júnior

Prof Paulo Roberto Ferrari Freitas

Prof^a Regina Simões Alves

Prof Thiago Serpa Gomes da Rocha

Esse documento é uma curadoria de materiais que estão disponíveis na internet, somados à experiência autoral dos professores, sob a intenção de sistematizar conteúdos na forma de uma orientação de estudos.

© 2021 - Secretaria de Estado de Educação. Todos os direitos reservados.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Aula 1: A hora do Vídeo	6
3. Aula 2: Sociologia no Brasil e a Identidade do Brasileiro	6
3.1. Por uma Sociologia Brasileira	6
3.2. A Identidade Brasileira	7
4. Aula 3: Preconceito, Discriminação, Segregação e Intolerâncias	10
4.1. África do Sul e o Apartheid	12
4.2. USA e o “Jim Crow”	14
4.3. A Realidade Brasileira	15
5. Aula 4: Atividade Discursiva	16
6. Aula 5: Exercícios e Questões de Enem	16
7. Considerações Finais	19
8. Resumo	20
9. Referências Bibliográficas	21

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS para SOCIOLOGIA

3º Bimestre de 2020 - 1ª série do Ensino Médio

META

- Compreender o processo de construção da identidade e da cultura nacionais e suas implicações nas relações étnico-raciais e nas identidades regionais no Brasil;
- Identificar as diferentes formas de preconceito, discriminação e intolerância, compreendendo suas inter-relações e sobredeterminações.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá ser capaz de:

- Entender o processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil;
- Entender como se deu o processo de formação e construção da identidade do brasileiro a partir das primeiras gerações de sociólogos, que defendem que o brasileiro é o resultado do encontro harmonioso entre as raças;
- Relacionar esse processo de construção da nossa identidade com o desenvolvimento de comportamentos preconceituosos;
- Perceber as diferenças conceituais e de aplicabilidade entre os seguintes termos: preconceito, discriminação e segregação;
- Perceber o desenvolvimento de posturas intolerantes, a partir do entendimento desses conceitos, e entender que as práticas adotadas no passado justificavam o extermínio de pessoas apenas pelo simples fato de serem diferentes;
- Desenvolver uma postura crítica e reflexiva diante de fatos observados em seu cotidiano.

1. Introdução

Olá!

Estamos entrando em nosso 3º encontro com a disciplina Sociologia e você já deve ter percebido que há muito dos assuntos de história em nosso conteúdo. Essa primeira fase da Sociologia como Ciência tem relações diretas com acontecimentos históricos como determinantes para o surgimento dessa nova ciência, e como norteadores de como ela vai caminhar para nos ajudar a entender os fenômenos sociais e sugerir de que forma podemos mitigar os problemas que surgem daí.

Aqui, já podemos resgatar alguns conceitos que você já estudou e absorveu em sociologia, inclusive outros conceitos já trabalhados em outras disciplinas como geografia e história.

Vamos conversar um pouco sobre a construção da nossa identidade e da nossa cultura e de como a miscigenação, tão valorizada por alguns, tornou-se um problema para outros, culminando em atitudes preconceituosas, discriminatórias, segregadoras, gerando intolerâncias por falta de entendimento de conceitos como diversidade e relativismo.

Em linhas gerais, vamos descrever esses conceitos, explorar situações em que eles se aplicam em nosso cotidiano e colocar em prática a ideia de que, em pleno século XXI, não só não há motivos, como também não se justificam ações desse porte.

Viva a diferença!!!

Esperamos que você aproveite cada texto, tarefa ou atividade aqui proposta. Estamos trabalhando para oferecer o melhor a você, um ensino completo e de qualidade!

Conte conosco! Vamos começar?

2. Aula 1: A hora do Vídeo



O documentário “Racism: a history” feito pela BBC de Londres retrata a triste realidade de negros, nos estados do sul dos Estados Unidos, mesmo após a abolição. E fala um pouco sobre o Apartheid, na África do Sul. São vários episódios, narrados por estudiosos, pesquisadores, descendentes de sobreviventes, e mostrados com vídeos e fotografias da época.

Acesse: <https://youtu.be/-bwAg48NJV8> (1ª parte)

3. Aula 2: Sociologia no Brasil e a Identidade do Brasileiro

3.1. Por uma Sociologia Brasileira

Havia uma emergência, uma necessidade de compreender sociologicamente o país e seu povo: o colonialismo, a escravidão e a miscigenação.

A primeira metade do século XX marca a institucionalização do campo das Ciências Sociais no Brasil.

A principal preocupação dos grandes teóricos brasileiros era descobrir o **verdadeiro Brasil** e os brasileiros. Era uma espécie de resposta em contraposição ao olhar “etnocêntrico” estrangeiro a respeito do Brasil. O estereótipo criado já não agradava tanto e o que importava no momento era a leitura do Brasil realizada por brasileiros – de dentro para fora.

Como não havia o curso por aqui, e ainda demandaria um tempo até que se formasse uma primeira geração de sociólogos, nossa primeira geração da Sociologia Brasileira foi composta por cronistas, jornalistas e literatos, autores que fizeram estudo com um caráter mais voltado à Literatura do que para a Sociologia de fato.

O reconhecimento como primeiro sociólogo de formação acadêmica diferente dos demais foi dado a Euclides da Cunha (1866-1909), 1º tenente, bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais. Renomado cronista, cobriu - como correspondente - a “Guerra de Canudos” (1896-1897) para o Jornal “O Estado de São Paulo”. Após a guerra, publicou “Os sertões”.

Além da guerra e suas especificidades, ele revela um verdadeiro retrato do Brasil no fim do século XIX, discutindo problemas que transcendem o conflito que ocorreu no interior da Bahia. A obra narrativa mistura literatura, sociologia, filosofia, história, geografia, geologia, antropologia, por isso sua preciosidade e grandiosidade. O autor, adepto do determinismo, teoria que afirma ser o homem influenciado (determinado) pelo meio, pela raça e pelo momento histórico, parece falar com muita propriedade sobre o sertão e o sertanejo, seu cotidiano, seu jeito de ser, seus costumes e suas crenças.

3.2. A Identidade Brasileira

A identidade brasileira foi decorrente de um processo de construção histórica, como em diversos outros países. Apesar de ter-se iniciado após a Independência, em 1822, o processo de constituição da identidade nacional ganhou um impulso maior após a década de 1930, quando Getúlio Vargas chegou ao poder. A partir disso, pôde-se perceber que a construção da identidade, para além de um processo cultural, era também um processo político.

A identidade nacional é construída, dialogicamente, a partir de uma autodescrição da cultura. Dois grandes princípios regem as culturas: o da exclusão e o da participação. Com base neles, elas autodescrevem-se como culturas da mistura ou da triagem. A cultura brasileira é considerada uma cultura da mistura.

Na história do Brasil, a ocorrência da mestiçagem é bastante pronunciada. Esse fato gerou uma identidade nacional singular e um povo marcadamente mestiço na aparência e na cultura.

Do século XVI ao século XVIII, em aproximadamente 15 gerações, consolidou-se a estrutura genética da população brasileira, com o entrecruzamento de africanos, portugueses e índios. Ainda no período colonial, franceses, holandeses e ingleses tentaram se estabelecer em território brasileiro e deixaram alguma contribuição étnica, embora restrita.

Sabe-se que foram os ingleses que inventaram o futebol tal como ele é jogado nos dias de hoje. Ainda assim, o país conhecido como o **país do futebol é o Brasil**. Pelo menos era assim alguns anos atrás. E agora? Após o 7 × 1 na Copa de 2014, as eliminações em competições sul-americanas e a ausência de jogadores brasileiros entre os vencedores do título Bola de Ouro, a posição do Brasil como o país do futebol está comprometida?

Seja qual for a resposta para essa questão, é interessante perceber como as pessoas consideram que determinados elementos fazem parte da identidade de um país. O Brasil é muitas vezes

lembrado como o país do futebol, do carnaval, do café, da malandragem etc. Mas será que esses estereótipos realmente representam a identidade brasileira? Embora muitas pessoas não sejam malandras, não gostem de carnaval, não gostem de futebol e nem tomem mais café que em outras partes do mundo, associamos esses elementos ao Brasil. Será que isso faz sentido? Será que é tão simples desvendar a identidade do Brasil a partir desses elementos?

Uma outra característica que se apresenta em alguns filmes estrangeiros, quando bandidos tramitam suas fugas, é que o Brasil é um bom país para se esconder.

O passaporte brasileiro já foi um dos mais falsificados e é um dos mais cobiçados e mais valorizados no “mercado ilegal” atualmente. O Brasil é tão miscigenado que fica fácil ser brasileiro com características de várias nações. Não existe um estereótipo definido. Sendo assim, qualquer pessoa pode se passar por brasileiro muito facilmente, transformando este passaporte em um coringa para quem precisa usar de falsidade ideológica. Por isso, um alerta para um cuidado redobrado no exterior ou mesmo no Brasil: o passaporte deve estar bem guardado.

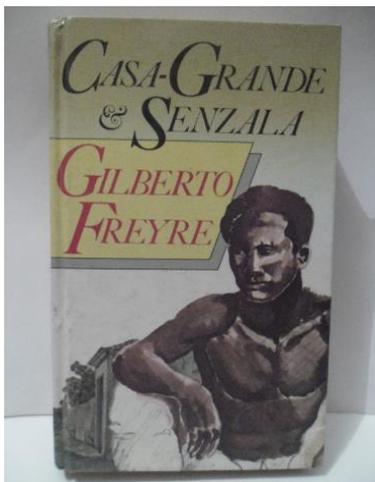
Mas... o que significa dizer “ser brasileiro”? Quem são, o que foram e o que querem ser? Qual é a característica do país que o singulariza perante outras nações? Qual é a identidade do Brasil, seu rosto, seu retrato? Essas são algumas das perguntas que compõem a reflexão sociológica a respeito do Brasil. Todavia, será que existe uma única resposta para essas questões? Evidente que não. A resposta vai depender bastante do sujeito específico que vai respondê-la. A avaliação sobre o que o Brasil é, foi e os prognósticos para o futuro dependerá também do presente histórico no qual essas avaliações foram feitas. Durante o período colonial, o país era retratado de algumas maneiras, no início do período republicano, de outras, nos dias atuais, de outras formas distintas. Existem, portanto, várias maneiras diferentes de representar o país.

No início dos anos 1940, Walt Disney, em visita ao Brasil, criou o desenho “Carioca da gema”, o Zé foi desenhando dentro do hotel Copacabana Palace. “'Joe Carioca' foi concebido em uma viagem de Disney e sua equipe à América do Sul durante a Segunda Guerra Mundial. O “famoso” Zé Carioca foi inspirado, basicamente, em três pessoas:

1) No cartunista J. Carlos – que colaborou nos primeiros rascunhos do personagem. 2) O estilo (fraque, chapéu e guarda-chuva) veio do **doutor Jacarandá**, famoso no Rio de Janeiro daquela época.



3) E, por incrível que pareça, o jeitão boêmio foi pego emprestado de um músico de São Paulo: **José do Patrocínio de Oliveira**, o Zezinho. Inclusive, o multi-instrumentista, que chegou a tocar com Pixinguinha, gravou a voz do papagaio carioca.



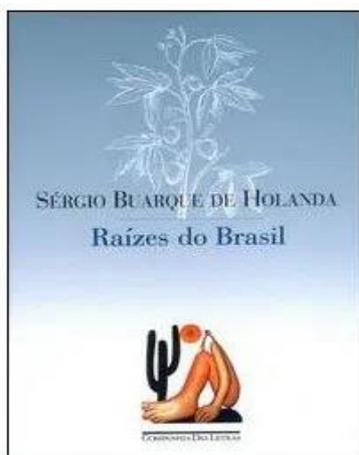
As três raças básicas formadoras da população brasileira são o negro, o europeu e o índio, em graus muito variáveis de mestiçagem e pureza. É difícil afirmar até que ponto cada elemento étnico era ou não previamente mestiçado.

Gilberto Freyre é considerado um dos mais importantes sociólogos do Brasil. A sua Pós-graduação nos USA deu origem à tese “A vida social no Brasil em meados do século 19”, que serviu de base para o livro “Casa Grande e Senzala” (1932). Com essa temática, autor discute de maneira original os sistemas econômico, social e político do Brasil Colonial a partir da contribuição do negro e do fenômeno da miscigenação na formação social do país.

O próprio Gilberto Freyre fala a respeito da constituição e da formação da identidade desse Brasil a partir de um encontro harmonioso entre as raças. A miscigenação teria sido positiva para compor a docilidade do “ser brasileiro”. Isso vai de encontro a teóricos sociólogos: Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) e Oliveira Vianna (1883-1957), que não só defendem o branqueamento da nação por meio da imigração europeia, como também o lado negativo da mistura entre as raças.



Sérgio Buarque de Holanda partiu de uma abordagem Weberiana para romper com o olhar “estereotipado” que os europeus desenvolviam sobre o Brasil.



Sua principal obra: “Raízes do Brasil” (1936) – parte da teoria weberiana de dominação legítima legal-racional para formular a ideia do “homem cordial” (característica do brasileiro: informal; criativo; flexível; “jeitinho”...).

Cordialidade não é gentileza! É uma propensão histórica à informalidade, em oposição à ética e à civilidade, que levou a

criação de instituições coercitivas que diminuem o diálogo entre governantes e governados.

Florestan Fernandes dialogou com os principais pensadores brasileiros como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Ao contrário de Gilberto Freyre, que defendeu a inclusão do negro no Brasil através da miscigenação entre o índio, o branco e o negro, Fernandes se afastou dessa linha de pensamento.

Ao estudar a problemática do negro à luz do marxismo, Florestan Fernandes afirma que o mais prejudicado, no contexto da luta de classes, será o negro. Mesmo que o branco seja pobre e proletário, o negro vai sofrer o componente da discriminação racial.



Florestan entendeu a sociedade brasileira não somente como miscigenada, mas também como multiétnica.

Na história da formação do povo brasileiro – uma história de miscigenação, além daqueles que aqui já estavam, recebemos povos de Portugal, Holanda, África, muitos outros povos europeus e alguns asiáticos.

A união entre os diferentes biotipos humanos acabou gerando indivíduos que não eram completamente indígenas, brancos ou negros, no que se refere ao aspecto genético.

Por isso a mestiçagem é tão presente no país e é também por isso que podemos afirmar que não existe, na atualidade, nenhum grupo que seja racialmente puro.

Desta maneira, percebemos que o povo brasileiro se tornou uma grande mistura, tanto cultural e religiosa, como genética.

4. Aula 3: Preconceito, Discriminação, Segregação e Intolerâncias

Etimologicamente, pré (antes) + conceito, seria prejulgamento, significa julgamento prévio; refere-se a atitude de um indivíduo que emite juízo moral sobre determinado grupo social ou membro do grupo, antes mesmo de ter acesso a um conjunto mínimo de informações que o permita fazê-lo. Antecipa-se ao conhecimento e, às vezes, impede que esse aconteça.

O preconceito pode se manifestar de várias maneiras e pode ser mais ou menos explícito; pode envolver questões étnicas, religiosas, sexuais, entre outras. Perpassa por um conceito comum: REJEIÇÃO à pessoa ou ao grupo de pessoas que DIFEREM do observador. É considerado um



fenômeno social, tendo como sua expressão-limite, o nazismo, que fundou uma identidade alemã (autoafirmação baseada na rejeição do diferente, do não alemão) e fundamentou uma política de extermínio, baseada no etnocentrismo (superioridade étnica).

Quando se fala de preconceito **intersocietário** ou **intrassocietário**, falamos de grupos ou classes dentro de uma sociedade que também são dotados de preconceitos contra outros grupos ou classes que compartilham o mesmo espaço social.

Preconceito: não é uma prática natural, mas uma postura aprendida, socialmente informada e difundida.



Oracy Nogueira (1917-1996) fala a respeito de preconceito racial de marca e preconceito racial de origem e faz a distinção entre o *preconceito justificado pelo nascimento*, como nos EUA, e o *preconceito justificado pela cor*, no caso do Brasil. O preconceito racial não é o mesmo em todos os lugares. Reduzido à questão da **cor**, o preconceito aqui é relativamente volátil. A **cor** pode ser diluída na mestiçagem, o que não ocorre nos EUA, pois lá é a origem **racial**, e não apenas a cor, que conta. Por isso, lá (EUA) o preconceito leva à exclusão; aqui leva a preterição.

O preconceito nas relações humanas acontece das mais variadas formas e pelos mais variados motivos: pode ter origem na cor da pele, na religião, no país ou cidade de origem, na aparência física, no gênero, na sexualidade etc. Qualquer forma de preconceito nas relações humanas é prejudicial para o desenvolvimento de uma sociedade justa, democrática e igualitária.

Apesar de socialmente ligados, os termos **preconceito** e **discriminação** têm significados diferentes. Enquanto o preconceito é o pré-julgamento, a discriminação é o ato de diferenciar, de dar tratamento diferente. A discriminação é a ausência de igualdade ou a manifestação das preferências, causando cisões sociais entre os indivíduos.

Nesse sentido, a discriminação pode ser uma manifestação do preconceito. Entenda que nem sempre o preconceito é visivelmente discriminatório. Às vezes, as ações discriminatórias aparecem nas entrelinhas, com pouca visibilidade. Esse é o caso do racismo estrutural, que não é uma forma escancarada de racismo, mas causa pequenas ações discriminatórias contra pessoas negras no cotidiano e, muitas vezes, esse racismo é propagado inconscientemente por quem o pratica.



Separar, julgar e qualificar são ações comuns em nosso cotidiano, porém elas precisam ser delineadas com cuidado ao se tratar das relações sociais, para que não resultem em ações preconceituosas. É normal que separemos as pessoas que queremos mais próximas de nós por afinidade e afeto. No entanto, essa separação deve acontecer após o conhecimento da pessoa, e não por um motivo preconceituoso. No fim, a discriminação por preconceito é o golpe final que machuca as vítimas que sofrem de racismo, lgbtfobia, misoginia e outras mazelas sociais.

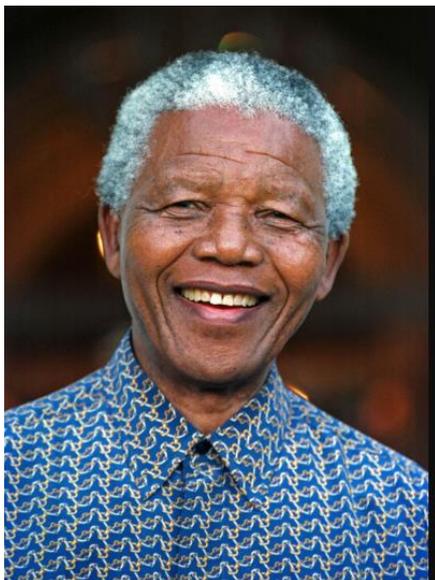
Já **segregação** é a ação de segregar, de separar, de isolar, afastamento, separação, marginalização. Em Sociologia, fala-se do isolamento forçado de um grupo para o afastar do grupo principal ou de outros, uma nítida demonstração de discriminação como acontece na segregação racial, por exemplo.

A segregação racial pode dar-se de maneira formal e informal, por meio de leis, repressão violenta ou de regras culturais de convivência.

4.1. África do Sul e o Apartheid

Se observarmos países em que ocorreu **segregação institucional**, como a África do Sul, veremos que, durante o **apartheid**, havia uma legislação discriminatória nas mais diversas áreas; remoções forçadas; detenções sem julgamento; repressão estatal à livre circulação por meio de

leis de passe, pelas quais só seria possível ir a determinadas regiões portando autorização que



deliberadamente não era concedida e proibições sociais e econômicas, como realizar casamentos inter-raciais, frequentar lugares públicos e candidatar-se a trabalhos industriais.

As formas culturais de segregação manifestam-se sem necessariamente valer-se de dispositivos legais ou repressão para que sejam cumpridas. Sua força reside em constranger indivíduos segregados a compreenderem sua exclusão como consequência de erros pessoais ou como um destino natural reservado a eles. Elas se somam a mecanismos institucionais

que bloqueiam, por exemplo, a ascensão econômica, intelectual e política de determinados grupos étnicos.

Muitos homens e mulheres da comunidade negra sul-africana dedicaram suas vidas a esta grande causa: **o fim do apartheid**. Um dos mais notáveis líderes do movimento negro da África do Sul foi Nelson Mandela. Em 1944, junto com Walter Sisulo e Oliver Tambo, fundou a Liga Jovem do Congresso Nacional Africano (CNA), que se tornou o principal instrumento de representação política dos negros.

Em 1960, diversos líderes negros foram perseguidos, presos, torturados, assassinados ou condenados. Entre eles estava Mandela, que em 1964 foi condenado à prisão perpétua. Na década de 80, intensificou-se a condenação internacional ao apartheid culminando em um plebiscito, que terminou com a aprovação do **fim do regime**.

No dia 11 de fevereiro de 1990, depois de 26 anos, o presidente da África do Sul Frederik de Klerk, liberta Mandela. Ao sair da prisão, Mandela faz um discurso chamando o país para a reconciliação:

“Eu lutei contra a dominação branca e lutei contra a dominação negra. Eu tenho prezado pelo ideal de uma sociedade democrática e livre, na qual todas as pessoas possam viver juntas em harmonia e com iguais oportunidades. É um ideal pelo qual eu espero viver e que eu espero alcançar. Mas, caso seja necessário, é um ideal pelo qual eu estou pronto para morrer”.

Em 1993, Nelson Mandela e o presidente assinam uma nova Constituição sul-africana, pondo fim a mais de 300 anos de dominação política da minoria branca, preparando a África do Sul para um regime de democracia multirracial. Nesse mesmo ano, recebem o Prêmio Nobel da Paz, pela luta em busca dos direitos civis e humanos no país.

Após longas negociações, Mandela conseguiu a realização das eleições multirraciais em abril de 1994. Seu partido saiu vitorioso e Mandela foi eleito presidente da África do Sul. Finalmente, seu governo, com maioria no parlamento, acabou com o longo período de opressão aprovando importantes leis em favor dos negros.



Mandela governou até 1999, quando conseguiu eleger seu sucessor.

Em 2006, foi premiado pela Anistia Internacional, por sua luta em favor dos direitos humanos. Nelson Mandela faleceu em Joanesburgo, África do Sul, no dia 5 de dezembro de 2013.

4.2. USA e o “Jim Crow”

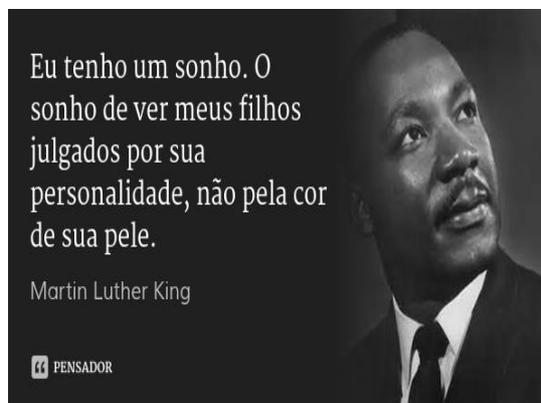
Nos Estados Unidos, índios foram dizimados a pretexto de uma colonização inglesa. O vasto território, teve desenvolvimento diferente nas regiões sul e norte. A escravidão praticada nos estados do sul (que objetivaram uma confederação separatista) foi abolida mediante guerra civil, a chamada Guerra de Secessão, entre 1861 e 1865. O Norte venceu a guerra, a escravidão foi imediatamente abolida, mas os brancos sulistas buscaram maneiras de segregar os negros recém-libertos.

Em 1865 foi fundada, por um ex-combatente das tropas sulistas, a “Ku Klux Klan”, grupo supremacista que praticava ações violentas contra negros. Embora reprimida pela polícia, essa seita ganhou milhares de adeptos.

Por ser um país com forte tradição federalista, cada estado norte-americano tem leis próprias. As primeiras leis segregacionistas após a abolição da escravatura foram promulgadas no Tennessee. Em 1870 esse estado proibiu o casamento inter-racial e em 1875 adotou um princípio legal denominando “separados, mas iguais”, que embasou dezenas de leis e foi adotado por outros estados sulistas.

O historiador Leandro Karnal ilustra a amplitude desse princípio que ficou conhecido como Lei Jim Crow – **Segregação Racial Legal**: “afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurantes, teatros, entre outros. Em 1885, a maior parte das escolas sulistas também foram divididas em instituições para brancos e outras para negros”.

O episódio que impulsionou os movimentos contra a segregação ocorreu em Montgomery e foi protagonizado por Rosa Parks. Ela não aceitou ceder seu assento numa viagem de ônibus a um passageiro branco. Essa atitude desencadeou manifestações e um boicote de 382 dias ao transporte coletivo. Em 1956, um ano depois, a Suprema Corte norte-americana decidiu pela ilegalidade de segregação racial em locais públicos, uma vitória do movimento negro.



Havia o movimento de desobediência civil, cujo principal líder foi o pastor Martin Luther King Jr. Também havia o movimento adepto de luta armada, formado por negros muçulmanos e liderado por Malcolm X, chamado Panteras Negras. A ativista Angela Davis participou desse movimento.

O princípio “separados, mas iguais” só foi abolido pela Suprema Corte norte-americana nas décadas de 1950 e 1960. Em 1964 Martin Luther King Jr. foi premiado com o Nobel da Paz por sua luta pacifista contra o racismo. Também nesse ano foi promulgada a Lei de Direitos Civis, que banuiu todas as formas de segregação racial. No ano seguinte, 1965, os negros sulistas conquistaram o direito ao voto.

4.3. A Realidade Brasileira

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão, foi o país das Américas que mais recebeu africanos escravizados e, quando a abolição ocorreu, não foi acompanhada de indenizações e políticas públicas compensatórias que integrassem a população negra ao sistema econômico da população livre e assalariada. Portanto, como afirma o sociólogo Octavio Ianni, não foram cumpridas as premissas básicas para a passagem de escravo a cidadão.

A **cidadania** abrange todos os direitos indispensáveis à vida do cidadão: a vida, a moradia, a saúde, a educação, uma renda etc.

O escravo “forro” foi abandonado à própria sorte e sua situação piorou na medida em que, além de ser substituído por mão de obra imigrante, foi destinado a trabalhos informais, subempregos, à vida nas periferias, sem qualquer acesso aos serviços públicos a que teria direito, continuando um trabalho duro e com baixas remunerações.

Ainda vivemos essa herança. Essa história não acabou lá atrás, mas foi “alimentada” e reproduzida até os dias atuais. O fruto dessa história é presente na realidade do mestiço brasileiro.

O grande intelectual Abdias do Nascimento assim definiu o racismo brasileiro:

“Não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país”.

5. Aula 4: Atividade Discursiva

Observe atentamente a charge ao lado:

- Releia os textos.

Comando da questão:

Faça uma relação entre a charge e os assuntos tratados na aula.



6. Aula 5: Exercícios e Questões de Enem

6.1. ENEM - 2009

“Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição. Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política. Menos pela ação oficial do que pelo braço e pela espada do particular. Mas tudo isso subordinado ao espírito político e de realismo econômico e jurídico que aqui, como em Portugal, foi desde o primeiro século elemento decisivo de formação nacional; sendo que entre nós através das grandes famílias proprietárias e

autônomas; senhores de engenho com altar e capelão dentro de casa e índios de arco e flecha ou negros armados de arcabuzes às suas ordens”.

De acordo com a abordagem de Gilberto Freyre sobre a formação da sociedade brasileira, é correto afirmar que

- (A) a colonização na América tropical era obra, sobretudo, da iniciativa particular.
- (B) o caráter da colonização portuguesa no Brasil era exclusivamente mercantil.
- (C) a constituição da população brasileira esteve isenta de mestiçagem racial e cultural.
- (D) a Metrópole ditava as regras e governava as terras brasileiras com punhos de ferro.
- (E) os engenhos constituíam um sistema econômico e político, mas sem implicações sociais.

6.2. ENEM PPL 2013

Do outro lado do Atlântico, a coisa é bem diferente. A classe média europeia não está acostumada com a moleza. Toda pessoa normal que se preze esfria a barriga no tanque e a esquentava no fogão, caminha até a padaria para comprar o seu próprio pão e enche o tanque de gasolina com as próprias mãos.

SETTI, A. Disponível em: <http://colunas.revistaepoca.globo.com>. Acesso em: 21 maio 2013
(fragmento).

A diferença entre os costumes assinalados no texto e os da classe média brasileira é consequência da ocorrência no Brasil de

- (A) automação do trabalho nas fábricas, relacionada à expansão tecnológica.
- (B) ampliação da oferta de empregos, vinculada à concessão de direitos sociais.
- (C) abertura do mercado nacional, associada à modernização conservadora.
- (D) oferta de mão-de-obra barata, conjugada à herança patriarcal.
- (E) consolidação da estabilidade econômica, ligada à industrialização acelerada.

6.3. Enem - 2018

Figura 1



Figura 2



Esse ônibus relaciona-se ao ato praticado, em 1955, por Rosa Parks, apresentada em fotografia ao lado de Martin Luther King. O veículo alcançou o estatuto de obra museológica por simbolizar o(a)

- (A) impacto do medo da corrida armamentista.
- (B) democratização do acesso à escola pública.
- (C) preconceito de gênero no transporte coletivo.
- (D) deflagração do movimento por igualdade civil.
- (E) eclosão da rebeldia no comportamento juvenil.

6.4. Uema

Os preconceitos fazem parte da vida em sociedade e resistem às mudanças, muitas vezes alimentando as desigualdades e a exclusão social, conforme trecho da música “A carne” dos compositores Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette.

A carne mais barata do mercado é a carne negra
que vai de graça ‘pro’ presídio
E para debaixo de plástico que vai de graça ‘pro’ subemprego
E ‘pros’ hospitais psiquiátricos
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Que fez e faz história
Segurando esse país no braço
O cabra aqui não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador é lento

Mas, muito bem intencionado
E esse país vai deixando todo mundo preto e o cabelo esticado...

Seu Jorge; Marcelo Yuca e Ulisses Cappelletti. "A Carne".
In: Farofa Carioca, Moro no Brasil.
Rio de Janeiro: independente, 1998.

Os conceitos sociológicos apresentados no trecho da composição "A carne" são os seguintes:

- (A) acomodação, discriminação racial, exploração do trabalho.
- (B) institucionalização, igualdade social, politização.
- (C) marginalização, industrialização, socialização.
- (D) democracia, cidadania, desigualdade social.
- (E) estigma, flexibilização, modernização.

6.5. É correto dizer que Gilberto Freyre procurou pensar a formação da sociedade patriarcal brasileira, a partir da publicação de Casa Grande & Senzala, influenciado

- (A) pelas teorias raciais do nazismo.
- (B) pela antropologia de Franz Boas.
- (C) pelo marxismo britânico dos anos 1920.
- (D) pela teoria crítica da Escola de Frankfurt.
- (E) pelo pensamento autoritário do fascismo italiano.

7. Considerações Finais

Nos bimestres anteriores conversamos sobre o surgimento da sociologia como ciência, sobre as diferenças entre ciência e senso comum, destacando a contribuição dos clássicos, que ainda hoje são a base de todos os assuntos que se referem à sociedade.

Falamos um pouco sobre a relação indivíduo e sociedade, ressaltando a importância da socialização nessa relação.

Seguimos conceituando cultura e percebemos que o que nos separa de outras nações são as nossas diferenças culturais. Com a ajuda da Antropologia estamos construindo e consolidando nosso conhecimento.

Nesse bimestre, em continuidade destacamos a construção da identidade do brasileiro e resgatamos as primeiras gerações de sociólogos formados por aqui, que nos ajudaram na formulação de uma identidade muito peculiar: a nossa!

E fechamos o bimestre articulando conceitos que são presentes em nossas realidades e de outras Nações, destacando situações que fizeram parte de nossa História, que servem como referências negativas de comportamentos reprováveis e que não podem se repetir.

No próximo e último bimestre, vamos perceber o caráter multicultural da sociedade brasileira, já apresentado de forma resumida aqui e identificar a emergência das políticas de ação afirmativa como formas de discriminação positiva.

Nos vemos lá!

8. Resumo

O processo de construção da identidade do brasileiro é pouco conhecido pelos próprios brasileiros. Embora esteja no inconsciente coletivo, é importante saber qual a origem dos rótulos ou estereótipos criados e em que se baseou toda essa história.

Somos um país miscigenado e boa parte de outras nações também o são. Somos o resultado de cruzamentos de várias etnias e deveríamos usar isso em nosso favor, encontrando pontos positivos e neutralizando os pontos negativos.

Mas essa realidade nos leva a viver em um ciclo de comportamentos, em que um comportamento gera outro, que gera outro de igual ou maior complexidade, que gera um outro e assim sucessivamente. Um ciclo sem fim que pode trazer prejuízos à “engrenagem” social.

O preconceito gera a discriminação, que gera a segregação, que gera intolerâncias, que geram comportamentos hostis, que geram atitudes agressivas etc.

Uma das principais consequências da segregação racial é a desigualdade social, que gera violência e permanentes tensões entre pessoas e povos, podendo se transformar ou tomar proporções ainda maiores, acarretando mortes ou outros tipos de danos a todos nós, direta ou indiretamente.

Vamos aprender a viver com a diferença, respeitando-nos e desenvolvendo tolerância. Dessa forma, chegaremos a uma sociedade una e harmônica.

9. Referências Bibliográficas

- 1) Portal Eleva Educação
- 2) <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-preconceito.htm>
- 3) <https://www.dicio.com.br/segregacao/>
- 4) <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/segregacao-racial.htm>
- 5) <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/nelson-mandela.htm>
- 6) https://www.ebiografia.com/nelson_mandela/
- 7) <https://www.geledes.org.br/preconceito-discriminacao-e-intolerancia-no-brasil/>